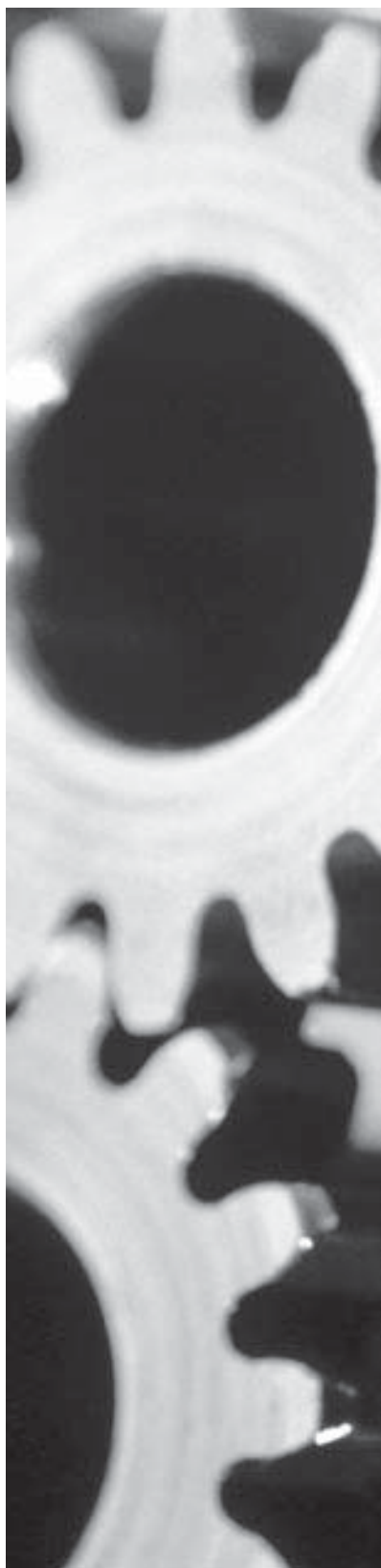


**Raymundo de Oliveira**

Discurso de posse como presidente do Clube de Engenharia  
15 de setembro de 2003

---



**Assumir mais uma vez a Presidência do Clube de Engenharia é uma enorme honra. Honra e responsabilidade, após a brilhante gestão do grande engenheiro Renato Almeida. O Clube de Engenharia viveu sob a gestão do Renato grandes momentos.**

O Presidente Lula aqui esteve conosco duas vezes, uma delas apresentando seu Programa Energético. Aqui estiveram diversos ministros, além de termos visto a presença do Clube de Engenharia nas grandes questões nacionais e em especial nas questões que dizem respeito diretamente à nossa engenharia.

Houve grandes encontros e o recente Congresso do Meio Ambiente teve centenas de participantes, com teses de alto nível.

Foi uma grande gestão a do Renato e fica aqui patente meu reconhecimento e enfatizada a responsabilidade com que assumo mais esse desafio.

Felizmente, chega comigo à direção do Clube uma diretoria de altíssimo nível, com grande experiência, não só profissional como de vida associativa, conhecedores dos problemas de nossa engenharia e de nosso Brasil, com liderança reconhecida por nossa categoria.

Vive o Brasil um momento de decisão, de escolha de caminho, de opção, onde é enorme a expectativa sobre o que virá. Não só no Brasil, mas em todo o mundo, os olhos estão voltados para nossa terra, onde a esperança se mistura com a apreensão e a pressa; a exigência de soluções imediatas é acompanhada da tolerância, do reconhecimento das grandes dificuldades que se tem pela frente. A credibilidade do Presidente lhe garante algum tempo para executar o equacionamento e indicar rumos para nossa terra.

Por tudo isso, o Governo Lula é hoje palco de lutas políticas internas sérias, até mesmo acirradas, onde diferentes propostas se confrontam, se oferecem na busca do caminho melhor a ser seguido por nosso país.

É enorme a responsabilidade do Presidente Lula, nossa responsabilidade, para que não seja destruída a esperança de tanta gente. Nosso país ainda é uma terra onde fica solto o criminoso de colarinho branco e estão presos Rainha e Deolinda, por lutarem pela posse da terra para os que querem plantar.

Nada está totalmente definido, há opções. A atitude responsável nos obriga a oferecer a maior contribuição possível nesse quadro complexo, buscando ajudar a construir uma proposta para o Brasil.

O Clube de Engenharia tem a obrigação de oferecer alternativas, apresentando sugestões e propondo rumos.



**Nosso país ainda é uma terra onde fica solto o criminoso de colarinho branco e estão presos Rainha e Deolinda, por lutarem pela posse da terra para os que querem plantar.**

O Brasil precisa construir um modelo, uma proposta para seu desenvolvimento. O que queremos ser?

A proposta seria uma Coréia com o desenvolvimento maciço em educação, sendo algumas empresas apoiadas pelo governo, para que desenvolvam tecnologia em certos nichos, triplicando nosso PIB per cápita ?

Ou a proposta é a de se tornar um grande centro produtor de alimentos para o mundo, com o fortalecimento de nossa agricultura para exportação, abrindo mão de ter uma posição industrial forte com tecnologia de ponta ?

Ou será uma mistura dessas duas, tendo em conta as especificidades brasileiras, nosso parque industrial e nossa agricultura que cresce a taxas admiráveis?

Seremos mais um México, apêndice da economia americana, sem opção própria ?

Qual a proposta ? Que rumo buscar ?

Essa resposta precisa ser clara. O recente debate sobre o PPA (Plano plurianual) ajuda nessa busca. Mas não tem sido suficiente.

Por outro lado, os juros elevados, com que temos convivido, taxam o setor produtivo e concentram renda no setor financeiro. Que o digam os balanços imorais dos grandes bancos, diante de uma indústria em crise, de um desemprego crescente, de uma parte ex-



**O Brasil precisa construir um modelo, uma proposta para seu desenvolvimento. O que queremos ser?**

pressiva da população sem terra, sem saúde, sem trabalho, sem casa, sem dignidade.

E aumenta a insegurança. E aumenta a violência.

Não há maior violência que um chefe de família desempregado e se desmoralizando diante da mulher e dos filhos.

E não são poucos os engenheiros que estão decaindo para essa vida.

Não se admite um país onde o sonho do engenheiro bem preparado em nossas Universidades seja o de se tornar fiscal de renda. Se não der, vai ser chofer de táxi. Se conseguir. (ilustração: táxi)

Emprego como engenheiro? Cada vez menos.

E a engenharia é o termômetro da economia. Economia forte é sinônimo de engenheiro trabalhando e a seu lado técnicos e operários também no trabalho.

Triste país onde a matriz de rigidez, as equações diferenciais, as derivadas e integrais são esquecidas e substituídas pelos sanduíches naturais, vendidos nas praias, com que se tenta manter a família do engenheiro, que passou a morar com o sogro ou os pais. O aluguel já não podia ser pago.

O empresário produtivo resiste tentando construir, produzir, e é atrapalhado pelas extorsões e taxa-

**Economia forte é sinônimo de engenheiro trabalhando e a seu lado técnicos e operários também no trabalho.**

ções, que dificultam a postura dos que querem gerar trabalho, trabalhando.

Os juros, no céu, dificultam a retomada do desenvolvimento. Nenhum dos presentes conhece um único empresário que tenha comprado, recentemente, um torno, uma máquina de produção com dinheiro de banco, pois a taxas são impagáveis.



**Do ponto de vista da realidade externa, o quadro é dramático. O Império tirou a máscara.**

Tenho certeza de que o governo está atento a essas dificuldades. Já há sinais de que os juros vão cair consistentemente. Que o façam antes da quebra deira dos que não encontram mercado, dos que estão diante de uma economia quase parando.

Do ponto de vista da realidade externa, o quadro é dramático. O Império tirou a máscara. Depois dos lamentáveis episódios do 11 de setembro, no lugar de fortalecer as organizações internacionais, na luta pela paz, isolando o chamado “terrorismo” de pequenos grupos, o que se viu foi a atuação aberta do terrorismo de Estado, onde o terror é praticado pela nação mais forte do mundo, sem respeito à ONU ou às demais organizações internacionais.

A resposta unilateral, subestimando a importância da busca do consenso, está levando ao isolamento crescente dos EUA, dirigido, como nunca, por extremistas de direita, a quem tudo é permitido em nome do Deus Mercado.

Enfrenta-se o fundamentalismo religioso com o fundamentalismo do mercado. Ambos são profundamente nocivos à sociedade humana.

O recente episódio da guerra, ou melhor, do massacre covarde do Iraque é prova do desrespeito à ordem internacional e da pretensão de onipotência da mais forte nação que o mundo jamais conheceu.

Nesse quadro, o Governo Brasileiro tem atuado com enorme competência e seriedade, defendendo, não só nossos direitos, como também a humanidade como um todo.

Uma paz verdadeira e estável passa pelo fortalecimento da ONU, pelo respeito à autodeterminação dos povos, pela destruição de todas as armas atômicas, pela construção de um mundo onde, em todas as nações, os governos sejam laicos, não havendo discriminação por raça ou religião.

Ainda sob o prisma internacional, vemos o Governo brasileiro ter uma postura corretíssima em Cancun, onde EUA e U.E. tentam impor aos países pobres uma situação de desequilíbrio imoral, desumana, para perpetuar a discriminação, a miséria, a exploração.

Querem as nações ricas que os países pobres abram, escancarem suas fronteiras para seus produtos e serviços, enquanto eles mantêm fechados, protegidos, suas agriculturas e os segmentos onde não são

**Uma paz verdadeira e estável passa pelo fortalecimento da ONU, pelo respeito à autodeterminação dos povos, pela destruição de todas as armas atômicas, pela construção de um mundo onde, em todas as nações, os governos sejam laicos, não havendo discriminação por raça ou religião.**

competitivos com os países em desenvolvimento, como é o caso da siderurgia brasileira, de nosso suco de laranja, de nossos grãos entre outros produtos.

O Governo brasileiro se portou com enorme dignidade, tendo assumido a vanguarda da resistência dos países em desenvolvimento.

Na semana que passou, o telefonema do Presidente Bush ao nosso Presidente foi quase uma ofensa, onde ele pedia que abandonássemos a defesa dos países pobres e apoiássemos a posição dos países ricos. Pedido prontamente rechaçado por Lula.

Na área externa, é fundamental a unidade entre Brasil, África do Sul, Índia e China, criando um pólo alternativo, capaz de enfrentar o Império e seus eventuais aliados.

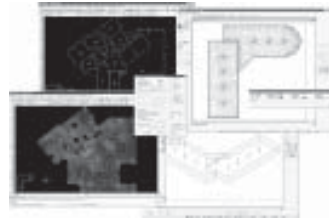


Apesar de toda dificuldade, temos tido algumas vitórias expressivas, como constatam a posição da Embraer, motivo de orgulho de todos nós, em especial de nossa engenharia, ao lado da Petrobrás, nossa maior e mais querida empresa.

Nesses últimos 20 anos de acentuada crise econômica, a engenharia brasileira tem padecido terrivelmente. Tivemos, no passado, no setor de consultoria e projeto, empresas de vanguarda de nível mundial. Natron, Promon, Internacional de Engenharia, para só citar algumas, nada ficavam a dever ao que de melhor havia no mundo.



Pois bem, demora-se vinte anos para se construir uma empresa de projeto e vinte dias para destruí-la, basta não haver serviço. Seu patrimônio não são máquinas, terrenos, equipamentos. Sua riqueza é formada pela massa cinzenta de seus quadros, pelo trabalho conjunto, pelo conhecimento, pela sinergia que seus profissionais desenvolveram nos anos de trabalho. Tudo se perde de uma penada quando, ao invés de se contratar projeto no país, se vai buscá-lo no exterior. A presença da Internet, sem uma visão clara dos interesses nacionais, agrava essa realidade.



Os chamados países do Primeiro Mundo sabem, e muito bem, onde estão seus interesses e como protegê-los. Além de pararmos o país, escancaramos, criminosamente, nossa economia, empobrecendo, dilapidando, doando nossas riquezas, destruindo algumas de nossas melhores e mais competitivas empresas de engenharia.

Em nome da qualidade, destruímos o que de melhor tínhamos construído.

Apesar disso, algumas conquistas nossas são expressivas.

Na área de telecomunicações, ousamos construir uma Central CPA (Central de Programa Armazenado), no CPqD do Sistema Telebrás, totalmente idealizada por nós. Resultado, o próprio preço da Central importada caiu. Quem sabe fazer, quem tem produção própria de qualidade, até pode comprar melhor. Diante de nosso produto, caiu o preço do produto da multinacional.

Poderia afirmar algo parecido sobre nosso grupo que trabalhou em desenvolvimento de fibra ótica, grupo esse que, em grande parte, acabou indo para o exterior.

No setor elétrico, o Brasil possui grandes bacias hidrográficas no norte do país e outras no sul, com períodos de chuva diferentes. Dessa forma tínhamos condições de produzir volumes de energia em momentos diferentes, em diferentes áreas. A operação interligada, por nós desenvolvida, procurava otimizar essa utilização energética. O mundo aprendeu a admirar o que fizemos nessa operação interligada. Era clara a importância da ação do Governo otimizando esse sistema.



**Não conseguiram vender a Petrobrás. Grande vitória !!!**

Pois bem, uma desastrosa política de esvaziamento do Estado, de privatização predatória de nossas empresas públicas, levou à crise o setor elétrico e tivemos que conviver com o racionamento e a ameaça do apagão. Quem diria ? Felizmente, vemos, hoje, à frente do setor elétrico, quadros comprometidos com a otimização do Sistema como um todo, não buscando enfraquecer o Estado como postura ideológica.

No setor petrolífero, felizmente, não conseguiram vender a Petrobrás. Grande vitória !!!

A lição que damos ao mundo, de competência na exploração e produção em águas profundas, demonstra que nós brasileiros, dadas as condições, podemos dominar e desenvolver tecnologia de ponta em setores

estratégicos. A recente descoberta de enorme reserva de gás, na Bacia de Santos, próxima aos grandes centros consumidores, é só mais uma amostra de nossa competência frente às multinacionais do setor.

***Nossa engenharia é competente. Apoiada, ela traz as respostas.***

Toda empresa de petróleo de porte tende a ter sua perna petroquímica, decorrente de seu trabalho na produção de petróleo. Quando cortaram a perna petroquímica da Petrobrás, ficou abandonado o que seria o Centro de Pesquisa da Área Petroquímica, na Ilha do Fundão, em frente ao CENPES. Sobrou um esqueleto, como símbolo de um momento onde defender o Brasil, nossa tecnologia, nossas empresas, era sinal de atraso, e éramos chamados de jurássicos. Naquele esqueleto abandonado, trabalhariam hoje centenas de engenheiros, técnicos, químicos, profissionais de diferentes especialidades, desenvolvendo tecnologia própria da área petroquímica.

No setor naval, vergonhosamente, com nossa costa e os rios que nos cortam, temos uma produção naval vergonhosa, diante de sua história e de suas possibilidades. Certa vez visitei a Verolme e fiquei impressionado pela ociosidade encontrada: superior a 90%.

E com tanto a ser feito !!!

as.



**O Rio tem algumas das maiores software houses do Brasil. Um mínimo de apoio e faríamos do Rio um grande exportador de software.**

Felizmente, nesse setor, sente-se uma recuperação expressiva. Encomendas da Petrobrás, que com outra política iriam para o Extremo Oriente, passam a ser feitas em nossos estaleiros. Boa postura. Devemos exportar produtos, serviços e não empregos. Os empregos devem ficar aqui, servindo a nossa gente.

E mais, é importante insistir que a vocação do Rio não é a de criar gado de corte, nem plantar soja para exportação. Nossa vocação passa pela área de turismo e pelo setor de inteligência, aí incluída a área de software. O Rio tem algumas das maiores software houses do Brasil. Um mínimo de apoio e faríamos do Rio um grande exportador de software.

E não estou me referindo a um setor que esteja em extinção no mundo. Refiro-me ao que há de mais dinâmico, àquele setor que gera alguns dos empregos mais bem pagos, segmento econômico em expansão, rico em inteligência. Trata-se de um setor, cujo domínio está condicionando o controle dos demais segmentos, em todo o mundo.

Se o Brasil não cuidar da área de software com a devida atenção, nosso país vai importar em software, daqui há pouco, mais do que importa de petróleo hoje.

Nosso Governador e nossos prefeitos deveriam dar, ao pequeno empresário de software, muito mais atenção, ou no mínimo atenção equivalente, à que dão às multinacionais, que vêm aqui trazer uma montadora de automóvel, recebidas com incentivos e isenções, que

nem emprego vão gerar com as fábricas altamente informatizadas que estão trazendo.

Nosso empresário de software gera inteligência em nosso Estado e aqui deixa seu imposto, os trabalhos que produz e suas receitas.

Além de tudo, o desenvolvimento interno de tecnologia viabiliza que ela seja desenvolvida levando em conta nossa realidade e não, simplesmente, transplantando soluções que levaram em conta outros contextos.

As recentes contratações de software estrangeiro, da área de ERP (Enterprise Resource Planning), alguns por centenas de milhões de dólares, e financiados pelo Banco do Brasil, seriam capazes de viabilizar toda uma indústria nacional de software. Além de que, as empresas brasileiras que os compraram tiveram que alterar seus processos, pois os softwares são desenvolvidos para outra cultura e realidade.

Na área de projetos, uma contribuição que o Clube de Engenharia levou ao PPA (Plano Plurianual), e que nós daremos continuidade na luta por sua implementação, é a do desenvolvimento do Banco de Projetos. De que se trata isso ?

É comum, mais do que comum, quase norma, que as obras sejam aditivadas ao longo de suas execuções. E, quase sempre, a aditivação é a máxima que a lei permite, vinte por cento.

E por que ? Quase sempre a licitação foi feita sem um projeto bem definido. A pressa leva à licitação a



ser feita do jeito que estiver, com o objetivo de ver concluída a obra dentro do governo em andamento.

A luta do Clube é pela existência de um Banco de Projetos. Os projetos, que podem custar de dois a três por cento da obra, seriam desenvolvidos a priori, naturalmente dentro do Plano Diretor da Cidade, ou do Estado, mesmo que não haja, ainda, disponibilidade de recursos, ficando os projetos “em gaveta”, para quando os recursos estiverem disponíveis.

Isso já fortaleceria um setor fundamental dentro da vocação do RJ que é o setor de inteligência, de projeto, de consultoria.

Quando houvesse os recursos, o projeto sairia da gaveta, seria atualizado e licitado, com um nível de definição muito superior ao que é normalmente utilizado. Isso levaria a uma licitação mais bem definida, com preço, seguramente menor, face à menor incerteza, e com muito melhores condições de fiscalização, do que num serviço cujo projeto vai sendo feito conforme anda a obra.

Essa sugestão, já levada ao PPA, está sendo considerada uma das grandes contribuições do Clube de Engenharia, na modernização do setor público.

Meus amigos, felizmente temos certeza de que muito podemos colaborar com nosso país.

***A engenharia tem um papel expressivo na construção de um novo Brasil.***

Algumas áreas são chave nesse processo.

Fala-se muito em educação. Reconhece-se sua importância, mas na hora dos recursos, é das primeiras que sofre. Não haverá um novo Brasil sem uma nova educação, sem professores respeitados, valorizados, preparados e bem pagos.

Por outro lado, o próprio ensino de engenharia precisa ser revisto. E quando falo em engenharia refiro-me, também, à geologia e arquitetura.

O mundo mudou e está mudando aceleradamente. E a engenharia não muda? Claro que sim. É preciso entender e acompanhar o que está acontecendo no mundo.

A régua de cálculo, nossa velha companheira, está morta. As calculadoras de bolso são cada dia menores e mais potentes. E nem me referi aos computadores que vão, também eles, se tornando de bolso. E acessando a Internet.

O mundo é outro !!!

Hoje, é muito mais importante dominar os conceitos básicos do que o conhecimento factual em si.

Aprender a aprender é a necessidade fundamental, face à rapidez da mudança.

E a Escola precisa estar atenta a isso. Saber onde está a informação é, muitas vezes, mais importante do



**A régua de cálculo, nossa velha companheira, está morta. As calculadoras de bolso são cada dia menores e mais potentes. E nem me referi aos computadores que vão, também eles, se tornando de bolso. E acessando a Internet. O mundo é outro !!!**

que tê-la à mão. Daí a Internet estar mudando nossa maneira de trabalhar e estudar.

O Clube de Engenharia, ampliando seus cursos de Educação Continuada, pode e deve ter um papel crescente na atualização do engenheiro, viabilizando sua aproximação com o que de mais atual houver na engenharia e nas tecnologias disponíveis, usando as Divisões Técnicas (DTE's) como canal de contacto permanente com os engenheiros.

Meus amigos, nada mais ilusório do que a decantada neutralidade da técnica e mesmo da ciência. Ambas têm política, são politicamente condicionadas. Esteja o cientista, o tecnólogo ou o técnico consciente ou não, as tecnologias estão a serviço do capital, dos que investiram no desenvolvimento da técnica.



**Esteja o cientista, o tecnólogo ou o técnico consciente ou não, as tecnologias estão a serviço do capital, dos que investiram no desenvolvimento da técnica.**

Nosso Brasil nem pode pensar em ser soberano sem dominar setores estratégicos da tecnologia. É preciso definir prioridades, ter foco, saber onde concentrar os recursos disponíveis, de modo a se viabilizar um desenvolvimento autônomo, com algum grau de liberdade.

Felizmente, apesar do pouco caso com que tem sido historicamente levado o setor, temos desenvolvido, em algumas áreas, massa crítica e não partimos do zero.

E o jovem engenheiro ? É preciso lhe dar uma injeção de ânimo. É preciso revalorizar a engenharia.



É preciso mostrar o que de altamente positivo nossa engenharia fez por este país. É fundamental indicar as grandes obras que marcaram nossa história: Brasília, Ponte Rio-Niterói, Guandu, Furnas, Itaipu, Maracanã, túnel Rebouças, as inúmeras obras de arte que existem em nossas estradas. Tantas e tantas obras de que nos orgulhamos e que marcam uma história de sucesso.



O Clube de Engenharia vai, mais uma vez, fazer a Semana da Engenharia, onde o objetivo é mostrar nossas grandes obras, nossos acertos, nossas conquistas, nossa tecnologia, nossa engenharia.

Ninguém melhor que o Clube para construir uma ponte entre um passado cheio de conquistas e um futuro que há de ser promissor, com um Brasil que voltará a crescer e, com ele, sua engenharia e tecnologia.

O momento é o mais propício possível. Há um governo novo, com muita vontade de construir um novo país.

O engenheiro é o profissional da construção. Seremos chamados a responder a esse desafio, construir o novo Brasil.

Devemos mostrar que estamos à altura do desafio, mantendo-nos permanentemente atualizados diante dos avanços que se dão numa velocidade espantosa.

O Clube de Engenharia deverá trabalhar ao lado dos empresários da engenharia, dos engenheiros profissionais liberais, dos arquitetos, dos geólogos, de todos os profissionais da engenharia que lutam pela retomada do desenvolvimento.

Junto ao IAB, ao Sistema Confea-Crea, à Seaerj e demais entidades de profissionais da engenharia, valorizando as grandes obras públicas de nossa terra e defendendo as conquistas da categoria, em especial o respeito ao profissional da engenharia pública, tão esquecido por sucessivos governos.

Ao lado do Sinduscon e Ademi pela retomada da construção civil, da ABCE pelo fortalecimento da área de consultoria e projeto, do SINICON, da AEERJ lutando pelo pagamento em dia das obras e serviços, este sim o grande instrumento em defesa da moralização, da Riosoft, da Softex em defesa do software nacional, da SOBENA em defesa da construção naval, da Firjan e demais entidades de classe que estiverem alinhadas na luta pela retomada do desenvolvimento.

**Não trago ilusões. A engenharia não está fora da vida. Ela é reflexo e causa do que ocorre na realidade do país.**

É fundamental lembrar que, com a Internet o mundo ficou pequeno. Ou teremos competência para responder às exigências das mudanças ou seremos atropelados pelos que, do outro lado do mundo, demonstrarem mais preparo que a gente.

Não trago ilusões. A engenharia não está fora da vida. Ela é reflexo e causa do que ocorre na realidade do país.

O Clube de Engenharia estará acompanhando de perto os grandes acontecimentos de nossa vida pública. Nada do que ocorre nos será indiferente. Aqui e no mundo.

Há hoje sérias razões para se olhar o mundo com preocupação. O homem conseguiu desenvolver tecnologia para ir à Lua e enviar foguete a Saturno. Está desvendando o genoma humano e a engenharia genética abre espaços inimagináveis há poucos anos. A nanotecnologia amplia as possibilidades dos equipamentos mecânicos, onde começa-se a trabalhar na organização molecular dos artefatos. Os novos materiais viabilizam propriedades em matérias primas, que as tornam capazes de substituir, com sucesso, o aço, as ligas e muitos outros materiais.

Pois esse homem, com todo seu poder, está construindo um mundo profundamente injusto, onde a exclusão é a regra, a miséria é crescente em largas regiões, e já se imagina um mundo onde amplas populações tenham sido eliminadas pelas doenças.

Como aceitar um mundo cujo modelo exclui bilhões de seres humanos.

Ao excluí-los já é esse mundo inaceitável, para mim.

Por outro lado, nesse mundo tornado pequeno, o avanço tecnológico é tão grande que mesmo o excluído já tem acesso a produtos com tecnologia de ponta.



Como mantê-lo excluído se ele sabe que o outro mundo, da opulência, existe ? Como conviver a miséria com a sociedade de consumo lado a lado? Como serem vizinhos o desperdício e a carência absoluta ?

Esse mundo será instável. Não vai dar certo.

Os muito ricos se refugiaram em seus guetos. Vivem em conjuntos suntuosos, cercados de muralhas, onde existe de tudo: escolas, lazer, trabalho e serviços de alta qualidade. Até parece que o mundo se resume àquilo.

Entretanto, se hoje o marginal, com uma pequena arma, cria um ambiente de violência e medo, num futuro muito próximo, ele terá acesso a pequenas granadas atômicas ou produtos químicos violentíssimos, coisa que estudantes aprenderão a fazer num laboratório como dever de casa ou trabalho de fim de curso.

Esse mundo será instável !!!

É preciso buscar opções.

Há várias: do Blade Runner à barbárie; da sociedade policial a um mundo qualitativamente diferente, onde o homem seja irmão do homem e não seu patrão.

É difícil, alguns dirão que é inviável.

Mas inviável é o mundo que se está construindo: de um lado a opulência, a tecnologia mais fantástica e do outro a miséria degradante e a exclusão.



Como estabilizar um modelo econômico que pressupõe que, para alguns terem muito, é preciso que muitos nada tenham. A sobrevivência da opulenta América é paralela à exclusão do mapa de toda, ou quase toda, uma África, vítima da Aids, e de outras doenças há muito superadas no mundo desenvolvido.

Nesse mundo tornado pequeno pelas telecomunicações, não é possível manter indefinidamente o monopólio das armas de destruição maciça. Em algum momento elas serão acessíveis aos excluídos e aí, o episódio das duas torres parecerá brincadeira de criança num jogo de mocinho e bandido, tal a violência descontrolada que terá sido gerada.

Não estou, simploriamente, defendendo os pobres ou excluídos; defendo a sobrevivência do ser humano, ameaçada pela tendência expansionista desenfreada do capital.

Que me perdoem os que esperavam um pronunciamento mais ameno. Há momentos em que se calar é consentir, já dizia nosso clássico.

Tenho duas filhas e quatro netos, sendo a mais nova uma netinha de 8 anos. Será que ela terá o direito de ter netos ?

Receio que não.

É para evitar isso, ajudar a construir uma opção, difícil mas uma opção à barbárie, que dedico os anos que me restam.

***A luta dentro da engenharia é parte de uma luta mais ampla por uma sociedade mais justa, fraterna e humana.***

Diz Aurélio que engenheiro vem de engenho + eiro e engenho vem do Latim, ingeniu, que significa faculdade inventiva, talento, habilidade, destreza, sutileza, argúcia.

O engenheiro construtor de casas é o profissional que tem talento, faculdade inventiva, argúcia, de que precisa tanto, para ajudar a construir uma sociedade viável, oposta à sociedade da destruição, da violência e da exclusão.

Cada pequeno passo no Clube, cada vitória particular, deve ser uma vitória na construção engenhosa desse mundo possível, viável, difícil mas o único onde há condições de sobrevivência da humanidade.

Convoco todos os meus amigos a contribuírem na construção de uma alternativa para o Brasil, e como bons engenheiros, levarem um pequeno tijolo para erguer uma catedral e um laboratório: uma catedral de solidariedade e um laboratório de idéias para fortalecer nossa engenharia.

Muito Obrigado,

***Raymundo de Oliveira***  
*Presidente do Clube de Engenharia*

